

A CORRIDA DE RUA COMO UM ESPORTE DEMOCRÁTICO

**ENZO YANN DA LUZ GUTIERREZ¹; ELISSON CHAGAS DA SILVEIRA²;
ARTHUR SALDANHA FERNANDES³; LUCIANA NUNES FERREIRA⁴; PATRICIA
SCHNEIDER SEVERO⁵**

¹Universidade Federal de Pelotas – enzoyann@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – elissondorh@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – fernandesart2003@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – luciana.ferreira@ufpel.edu.br

⁵Universidade Federal de Pelotas – patricia.severo@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

A corrida de rua é uma prática esportiva amplamente difundida no cenário mundial, cuja origem organizada remonta ao século XVII, consolidando-se como uma das modalidades atléticas mais acessíveis e democráticas da atualidade (BALE, 2004). No Brasil, a história da corrida de rua teve início em 1908, com a realização da primeira prova oficial em São Paulo e, desde então, tem apresentado um crescimento contínuo, tanto em número de praticantes, quanto em eventos promovidos (RIBEIRO; NOGUEIRA, 2017).

Na contemporaneidade, a corrida de rua deixou de ser apenas uma prática esportiva voltada ao desempenho físico e passou a integrar um fenômeno sociocultural que envolve saúde, lazer, inclusão social e identidade coletiva. Segundo pesquisa da TICKET SPORTS (2024), estima-se que mais de 13 milhões de brasileiros sejam praticantes da modalidade, o que evidencia um aumento progressivo no interesse da população, com previsão de crescimento de 25% nas inscrições para eventos de corrida de rua até 2025 (CARTA CAPITAL, 2024).

Além dos benefícios físicos, como a melhora da aptidão cardiorrespiratória e o controle de doenças crônicas (AMERICAN COLLEGE OF SPORTS MEDICINE, 2020), a prática também proporciona impactos psicossociais significativos, favorecendo a socialização, o bem-estar emocional e a construção de redes de apoio e pertencimento (ALMEIDA; MARCHI JÚNIOR, 2021). Nesse contexto, surgem grupos e coletivos de corrida que ampliam o significado da prática, transformando-a em espaço de resistência social, inclusão e democratização do esporte.

Diante desse panorama, a presente pesquisa tem como objetivo analisar as percepções individuais de corredores sobre os diferentes significados atribuídos à corrida de rua, compreendendo-a não apenas como prática esportiva, mas também como fenômeno social e comunitário.

2. METODOLOGIA

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, do tipo estudo de caso, tendo como objeto de análise corredores ativos da cidade de Pelotas/RS (SAMPIERI, COLLADO, LUCIO, 2013). Para a coleta de dados, elaborou-se um roteiro composto por cinco questões abertas, voltadas à compreensão das motivações e das percepções dos participantes sobre a prática da corrida de rua. As questões abordaram aspectos como o motivo inicial para a prática, a continuidade dos objetivos pessoais, a participação em grupos e coletivos, a

importância dos equipamentos esportivos e a percepção sobre a corrida de rua como esporte democrático e movimento social.

As entrevistas foram realizadas de forma presencial e/ou virtual, de acordo com a disponibilidade dos integrantes do grupo. O método qualitativo permitiu uma análise interpretativa das falas dos participantes, buscando identificar percepções individuais e coletivas que pudessem evidenciar a pluralidade de sentidos atribuídos à prática da corrida de rua no contexto social contemporâneo.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise das entrevistas realizadas com corredores ativos da cidade de Pelotas revelou a pluralidade de motivações e de percepções em torno da prática da corrida de rua. Entre os fatores que impulsionaram a adesão à modalidade, destacaram-se o emagrecimento, a melhoria do condicionamento físico, a redução do estresse e o desejo de sair do sedentarismo. Com o passar do tempo, alguns participantes relataram mudanças em seus objetivos pessoais, enfatizam que a corrida passou a representar um espaço de superação pessoal, prazer pela prática, construção de autoestima e bem-estar mental, o que evidencia a transformação da prática em um hábito de vida.

A maioria dos entrevistados afirmou participar de grupos, coletivos ou equipes de corrida, o que reforça o caráter social e comunitário da prática esportiva, possibilitando não apenas a melhoria física, mas também a criação de vínculos sociais e sentimento de pertencimento (ALMEIDA; MARCHI JÚNIOR, 2021). Essa coletividade amplia o acesso à informação e ao suporte mútuo entre corredores e fortalece a dimensão social do esporte.

No que se refere a utilização de equipamentos, houve consenso quanto à importância do conforto e da segurança, especialmente no que se refere ao uso de tênis adequados e roupas leves, que auxiliam no desempenho e previnem lesões. Embora alguns pratiquem a corrida de forma simples, outros relataram que a busca por melhor performance leva à utilização de relógios esportivos, acessórios tecnológicos e vestimentas específicas, o que pode elevar o custo da prática. Nesse ponto, alguns corredores demonstraram preocupação com a elitização da corrida, influenciada pelo marketing esportivo e pela cultura do consumo, o que pode afastar pessoas com menos recursos financeiros.

Em relação à percepção da corrida de rua como esporte democrático, os participantes citaram aspectos positivos como o baixo custo inicial, a praticidade, a possibilidade de acesso a diferentes faixas etárias e classes sociais, além dos benefícios à saúde física e mental. Por outro lado, também foram apontadas barreiras sociais e estruturais, como a falta de infraestrutura pública adequada (pistas, iluminação e segurança), a insegurança urbana e o risco de violência, especialmente em horários e locais isolados.

Ainda, segundo a pesquisa, alguns respondentes destacaram que o ambiente da corrida, embora aparentemente democrático, nem sempre acolhe a diversidade racial e econômica da população, sendo muitas vezes um espaço frequentado por pessoas brancas e de maior poder aquisitivo.

Dessa forma, os resultados indicam que, embora a corrida de rua tenha um potencial democratizador, o acesso pleno à prática ainda esbarra em desigualdades sociais e urbanas, demandando políticas públicas e iniciativas comunitárias que ampliem seu caráter inclusivo e acessível.

4. CONCLUSÕES

Este estudo teve como objetivo analisar as percepções individuais de corredores sobre os diferentes significados atribuídos à corrida de rua, compreendendo-a não apenas como prática esportiva, mas também como fenômeno social e comunitário.

Desta forma, a partir da análise das entrevistas com corredores ativos da cidade de Pelotas, foi possível constatar que a corrida de rua, mais do que uma simples prática esportiva, representa um espaço de múltiplos significados sociais, culturais e pessoais. Inicialmente buscada por motivos ligados à saúde física, como o emagrecimento e o condicionamento cardiorrespiratório, a prática evolui, para muitos, como um espaço de superação individual, bem-estar mental e integração social.

Os resultados evidenciaram que a corrida de rua pode ser considerada um esporte potencialmente democrático, pois apresenta baixo custo inicial e facilidade de acesso, permitindo que pessoas de diferentes idades, gêneros e classes sociais participem. No entanto, obstáculos estruturais e sociais ainda limitam essa democratização plena, como a ausência de infraestrutura adequada nas cidades, a insegurança pública e a crescente elitização da prática, incentivada pelo mercado de produtos esportivos e por discursos de alta performance.

Portanto, conclui-se que, embora a corrida de rua tenha se consolidado como um fenômeno social acessível e coletivo, sua real democratização depende de políticas públicas que ampliem a segurança e a infraestrutura urbana, além de iniciativas que promovam o acesso igualitário e o respeito à diversidade social e econômica dos praticantes. Assim, a corrida de rua reafirma seu potencial não apenas como prática física mas, também, como ferramenta de inclusão e transformação social.

O presente estudo apresenta limitação referente ao tamanho reduzido da amostra de participantes. Para pesquisas futuras, sugere-se a ampliação da amostra de respondentes, com a realização da coleta de dados *in loco*, em eventos na cidade de Pelotas/RS que reúnam um número expressivo de corredores de rua, como a Maratona de Pelotas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Fábio; MARCHI JÚNIOR, Wanderley. **A corrida de rua como espaço de sociabilidade: práticas corporais, identidade e pertencimento**. Movimento, Porto Alegre, v. 27, p. 1-13, 2021. Acessado em 03 jul. 2025. Online. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/114284>.

AMERICAN COLLEGE OF SPORTS MEDICINE (ACSM). **ACSM's Guidelines for Exercise Testing and Prescription**. 11. ed. Philadelphia: Wolters Kluwer, 2020.

BALE, John. **Running Cultures: Racing in Time and Space**. London: Routledge, 2004.

CARTA CAPITAL. **Corridas de rua crescem no Brasil e devem ter aumento de 25% nas inscrições em 2025**, 2024. Acessado em 03 jul. 2025. Online. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/esporte/corridas-de-rua-crescem-no-brasil/>.

RIBEIRO, Lucas; NOGUEIRA, Marcos. **História da corrida de rua no Brasil: das elites aos coletivos urbanos**. Revista Brasileira de História do Esporte, v. 10, n. 2, p. 45-60, 2017.

SAMPIERI, Roberto Hernández; COLLADO, Carlos Fernandez.; LUCIO, Maria del Pilar Baptista. **Metodologia de pesquisa**. 5. ed. Porto Alegre: Penso, 2013.

TICKET SPORTS. **Relatório Nacional sobre Corridas de Rua no Brasil – 2024**. São Paulo: Ticket Sports, 2024. Acessado em 03 jul. 2025. Online. Disponível em: <https://www.ticketsports.com.br>.